

## Quando “está amarrado” (*ça tient*)

Para citar esse texto use a seguinte referência:

VIEIRA, M. A. Quando “está amarrado” (*ça tient*). *Opção Lacaniana* n 80/81 , maio de 2019.

[Capa e índice da publicação](#)

### Resumo

Seria possível forjar para si um lugar no Outro que se sustente e que se possa reconhecer mesmo fora do sentido? Este texto dialoga sobre as possibilidades diante do esvaziamento da ideia de um Outro social estável e da presença cada vez mais marcante de Outras formas de enlace, enganche, amarração, de *ça tient*.

Quando calculamos a inclinação da ameaça da neurose e da psicose (que são para nós a escola das paixões da alma) (...) sobre comunidades inteiras, elas nos dão o índice de amortecimento das paixões da cidade (Lacan, J. “O estádio do espelho...”, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, frase parcialmente editada).

I

O título dessa mesa interroga o fazer do analista, o alcance de sua intervenção com relação à loucura em sua estruturação psicótica. Quero partir, porém, de um plano “macro”, lembrando que em toda interpretação das psicoses está envolvido o horizonte da época em que ela se insere. Não porque o analista seja um produto de seu meio, mas porque a experiência da psicose nos ensina sobre o estado atual da cultura.

As psicoses interpretam o Outro de nossos dias. Assim entendo a teoria da foraclusão generalizada e o trabalho de J. A. Miller para repercutir o dito de Lacan “Todo mundo é louco, isto é delirante”.<sup>1</sup> Com base na psicose, aponta para o ocaso do paradigma da neurose e do nome do pai como chave de leitura mestra para o real, pois fundamenta a ideia de que não há uma avenida principal para lidar com o imprevisível da vida. Só há atalhos, defesas, construções mais ou menos provisórias para se virar com o real.

---

♦ Apresentado na Plénaria “Interpretar a psicose” no XI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Barcelona, em 3 de abril de 2018.

Há mais. Esvazia-se a ideia de um Outro social estável, ordenado, pois ele será definido pelo conjunto de suplências em vigência a cada momento do laço social, anunciando a inconsistência do Outro em que estamos hoje mergulhados.<sup>2</sup>

Os psicóticos nos interpretam. Os loucos sempre habitaram as franjas imprecisas da cultura, seus pontos cegos, para ali buscar inserir suas invenções. Ao sermos dóceis a elas em nossa clínica, podemos pressentir a que ponto cada psicótico, na expressão de Laurent: “interpreta os acontecimentos de corpo que lhe chegam” para fazê-los passar de alguma forma ao Outro.<sup>3</sup>

Se algum lugar marcava o ponto cego da cultura até ontem era o da origem, domínio dos mitos por excelência, onde instaurava-se a figura do pai. O que faz de um homem um herói? O que faz de alguém santo? O que é a morte e o desejo de morte? Os delírios megalomaniacos ou paranoicos vinham dar corpo a estas questões. Era-se Jesus ou Napoleão e por isso cruelmente perseguido.

A presença cada vez mais marcante na cidade de uma psicose ordinária, corriqueira, que se apresentaria em sinais discretos, eventualmente imperceptíveis nas situações quotidianas assinala a dificuldade cada vez maior dessa psicose clássica, extraordinária, para produzir delírios estáveis.<sup>4</sup>

Não apenas os antipsicóticos e o fim dos manicômios vieram abalar estes grandes edifícios delirantes, mas a própria inconsistência do Outro. Os paranoicos de hoje talvez estejam construindo interpretações para o “surgimento errático do real” em seus corpos sem apoio nas grandes figuras da cultura. Se antes o absurdo da vida ganhava sentido por uma narrativa épica da exceção paterna, que se podia emular, agora a experiência de um gozo estranho no mais íntimo do sentimento da vida tende a encontrar apoio nos discursos e práticas contemporâneas de manipulação contínua do corpo assim como naqueles referidos a uma redefinição sexual *trans* à medida de cada um - com um recurso mais limitado às grandes narrativas.<sup>5</sup>

## II

Nunca foi tão difícil ser paranoico. Ao mesmo tempo nunca fomos tão paranoicos. Sim, porque quando o real se localiza com mais dificuldade em um ponto original, estará em toda parte. Assim entendo o modo como J. A. define o gozo do Outro, não mais localizado, como uma “abstração”. Precisaremos, cada um de nós, defini-lo então, dar-lhe corpo. Neste sentido a paranoia, modo fundamental de dar corpo ao Outro pelo imaginário, será, nos termos de Miller, “consustancial com o laço social”.<sup>6</sup>

Destaca-se a importância de uma psicose ordinária, discreta, integrada ao tecido social sem, entretanto, necessariamente passar pela paranoia. Seu Outro não é o da consistência delirante, mas tampouco é inconsistente como o da esquizofrenia. Ela se sustenta, sem contar com o imaginário como sua via de estruturação principal, por um trabalho delicado de amarração e enlace.<sup>7</sup>

Como? *Ça tient*, fórmula muito usada por Lacan no seu tempo dos nós, me parece uma maneira precisa de marcar como, mesmo fora do sentido é possível forjar para si um lugar no Outro que se sustente e que se possa reconhecer.<sup>8</sup>

A expressão não traduz nenhum pragmatismo utilitário porque não define qual é o “isso” que está sendo sustentado. Não serve, por isso, ao pessoal do mundo corporativo ou aos ideólogos do neoliberalismo, por não corresponder tanto a dizer que isso ou aquilo “funciona bem”, mas sim que “deu liga”. Conta menos que se entenda o que está sendo amarrado e mais a certeza de que está.

É difícil traduzi-la. Em português, pelo menos, não tem correspondente exato. Escolhi a expressão *está amarrado*, usada no Brasil originalmente no candomblé, porque ali, igualmente, decreta-se a amarração sem que se pergunte muito quem a fez. Foi reapropriada pelos protestantes que acrescentaram “em nome de Jesus” para tentar reintroduzir, nela, o agente do enlace, o nome do pai. Em vão. Ela se mantém a meu ver no mesmo plano mágico, sem perder sua força performativa, que é mais a de uma constatação do que de um comando.

Nós também não partimos do agente da amarração. Para nós, o *sinthoma*, na definição lacaniana como “acontecimento de corpo” é o essencial e ele é sem origem, sem sentido e sem Outro. Aquilo que preside à amarração, o “Quem amarrou”, só virá a posteriori, constituído pelo próprio enlace. A proposta de Laurent é a de que essa perturbação corporal pode, em vez de dar origem a um delírio, ser tomada em um enlace, enganche, amarração entre ele e outros elementos, que lhe dê lugar, no Outro.<sup>9</sup>

Nesse sentido, vejam um fragmento de caso (escolhido por destacar como até a crença pode ser tomada com quase nada de sentido).

### III

O sujeito era levado a inúmeros gestos religiosos para tratar suas bizarras experiências corporais: preces, sinais da cruz incessantes e a necessidade de manter um terço com ele, no bolso, para poder tomá-lo nas mãos e beijá-lo a qualquer momento. Em vez que cruz, lhe é sugerido que use um escapulário (originalmente um tecido sobre os ombros, escápulas, e que se reduziu a uma tira de couro com duas imagens que se mantém amarrada no pescoço). O uso permanente do escapulário fez cessar abruptamente todos os rituais e todos os temas religiosos igualmente que vinham tentar se contrapor ao olhar invasivo do Outro.<sup>10</sup>

Sabemos que deu certo, mas não sabemos o que terá sido decisivo. Podemos imaginar que se uma cruz não era o bastante era porque era preciso algo amarrado e não pendurado, ou que o fato de o escapulário se constituir de duas imagens e não uma, deve ter contado. O que sabemos é que a coisa deu liga e que não precisamos, analistas, nos contentar em agradecer a Deus, pois podemos isolar os elementos principais dessa amarração e imaginar novas combinações e soluções.

Quando podíamos assumir que o Outro da neurose era o Outro da cultura as coisas eram mais fáceis porque tudo se centrava no Um. No pai e sua ordem simbólica universal. Talvez por isso estejamos acostumados a buscar *Uma* solução, *O S1* do discurso, *O* elemento fundamental da amarração, para buscar uma leitura do caso. Hoje, no entanto, estamos mais no escuro quanto a estimar se uma invenção pode ou não conseguir um lugar no Outro, porque em sua inconsistência, ele é essencialmente múltiplo, feito de um composto instável de múltiplas tribos, de uma galáxia de identificações e sintomas mais ou menos articulados.

Ora, a proposta de Lacan, do uso dos nós é justamente para poder partir do múltiplo, de uma multiplicidade de elementos que se amarram. Só depois que a coisa deu liga, podemos saber

um pouco mais sobre o papel de cada um de seus elementos. É uma convocação a aceitar seguir mais no escuro, o que não significa que devamos renunciar ao saber sob pena de voltar à magia ou à religião. A exigência de saber se mantém, ela apenas se desloca para um segundo tempo. A cada vez que algo estiver amarrado, é preciso saber o que está em jogo e como isso se deu para poder acompanhar as invenções do paciente à altura e eventualmente com elas contribuir.

#### IV

Falar em enlace e amarração desta maneira nos remete ao tema da bricolagem e dos arranjos que nossa comunidade já abordou em diversas ocasiões. Seria disso que se trata quando *ça tient*? Creio que sim, com a diferença que nunca fomos tão *bricoleurs*.

No campo da arte, sempre um passo à nossa frente, por exemplo, em vez de objetos de arte, cresce a produção de instalações, bricolagens as mais variadas, tema já abordado por Laurent. Talvez, porém, o que mais nos ensine a arte contemporânea hoje seja o valor de coletivização de soluções singulares pela bricolagem.

Neste sentido, quero destacar para concluir, o método de criação de Pina Bausch tem, a meu ver, valor de paradigma. Ela extraía nada a não ser gestos de seus bailarinos e isso a partir de questões as mais inopinadas: “pinte a lua” ou “como isso mora em seu corpo?”, por exemplo.

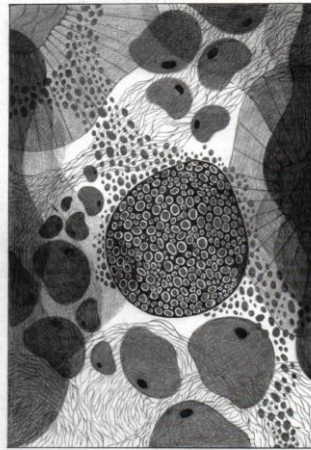
Os gestos que essas perguntas produziam eram escritos em papézinhos e postos a trabalho, postos sobre a mesa seguindo-se uma ordenação e reordenação incessantes por parte dela e de seus bailarinos até que em algum momento, sem que ninguém pudesse dizer muito bem o porquê, estava pronto, *ça tenait*. Que se vejam as impressionantes coreografias que este método nos deu, como *Café Müller* por exemplo, tudo está lá, sem que nenhuma história seja exatamente contada.<sup>11</sup>

Temos visto a que extremos a paranoia pode, hoje, levar. Creio que não há um dos presentes que não possa lembrar de um ato de violência, de um tão puro ódio ou tão inteiramente gratuito, que não o tenha deixado perplexo, com a impressão de que tudo perdeu o sentido. Quem sabe o enlace dos erráticos surgimentos do real no corpo na psicose com o Outro, e sua coletivização ao modo de Pina, possa ser uma lição da psicose ordinária no plano da política? Sabemos que a particular violência de nossos dias é complexa e abordá-la exclusivamente a partir da paranoia é limitado. No entanto, saber reconhecer uma trama que se sustente mesmo fora do sentido, como nos ensina Lacan com seus nós parece, hoje, especialmente valioso.

Sei apenas que qualquer contribuição para que tenhamos outra alternativa a não ser a de nos entregarmos à paranoia ambiente é, hoje, vital. Será preciso, para podermos extrair as consequências desses caminhos alternativos ao pai e a paranoia na vida e na cidade, saber quando, mesmo em plena injustiça e absurdo, na mais profunda descrença, *ça tient*.

# OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Jacques Lacan – Entrevista sobre a ficção científica  
Jacques-Alain Miller – Como se revoltar

Maio 2019

80/81

## OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

*Opção Lacaniana* é uma revista psicanalítica brasileira internacional  
Editada por Edições Folia  
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000  
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise  
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de *Ornicar?* as seguintes publicações:  
*Clique*, Belo Horizonte; *Cuadernos de Psicoanálisis*, Bilbao;  
*El Psicoanálisis*, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;  
*La Psicoanalisi*, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;  
*Opção Lacaniana*, São Paulo; *Quarto*, Bruxelas

FUNDADORES: Antonio Beneti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR: Jacques-Alain Miller

EDITORA: Angelina Harari

COORDENAÇÃO: Teresinha N. Meirelles do Prado

COLABORAÇÕES: Heloisa Caldas (Tradução).

Teresinha N. Meirelles do Prado (Distribuição e Revisão Técnica)

DIAGRAMAÇÃO: Angela Mendes e Fabiane Daniels

IMAGEM DA CAPA: Raphael Depoian, desenho a caneta sobre papel.

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*  
por correio ou desejarem difundir-lá, podem dirigir-se à  
Redação pelo e-mail oplacanianana@gmail.com.

Silvia Nieto, Por minha conta, 60

Oscar Ventura, No Litoral do Lete, 64

Angélica Marchesini, Meu fenômeno elementar, 68

Daniel Pasqualin, Solução Um bebêvel, 71

Aurélie Pfauwadel, Acerca do sintoma como colagem surrealista, 75

Marta Serra Frediani, Fora do sentido comum, 79

Patricia Tassara, Um novo enodamento, 83

### XI CONGRESSO DA AMP - INTERPRETAR A PSICOSE

Maurício Tarrab, As psicoses e a máquina de interpretar, 87

Marcus André Vieira, Quando "está amarrado" (ça tient), 91

### XI CONGRESSO DA AMP - NO LUGAR DA NORMA O ORDINÁRIO: A SUBJETIVIDADE DE NOSSO TEMPO

François Ansermet, A cada qual sua norma, 96

Gustavo Dessal, A vida episódica, 99

### XXI ENCONTRO BRASILEIRO

Jésus Santiago, A tentação falocêntrica do poder, 102

Dominique Laurent, Do sintoma ao parceiro-fantasia, 107

Helenice de Castro, Constelações e singularidade, 111

### RESTOS E AFETOS NA CONTEMPORANEIDADE

Sérgio de Castro, O mestre contemporâneo  
e o inconsciente: o ser e o lixo, 116

Ana Lydta Santiago, O afeto da cólera, 124

### PRIMEIRO TESTEMUNHO DE PASSE

Domenico Cosenza, Cair na análise,  
entre fantasia e acontecimento de corpo, 130

Sandra Grostein, Caso S, 143

ABSTRACTS, 151

<sup>1</sup> Este texto tem como referência de base a conferência "Interpretar as psicoses" de Eric Laurent. Para o dito de Lacan e a teoria da forclusão generalizada cf. Miller, *La psychose ordinaire*, Paris, Agalma/Seuil, 1999, p. 250,

---

*O orientação lacaniana* aula de 4/6/2008 e Lacan, J. “Transferência em Saint Denis?”, *Ornicar?*, nº 17/18, 1979, pp. 278).

<sup>2</sup> Basta tomar como exemplo o Outro de nossos dias a partir do exemplo do que os economistas chamam *mercado* com seus caprichos e humores imprevisíveis (cf. Vieira, “Invenções ordinárias e mercado generalizado”, *Papers do comitê de ação da Escola Una*, v. 7.7.7. Para uma descrição preisa desse Outro, assim como das consequências de sua presença em nossas vidas Cf. Van der Vecken, Y. neste congresso.

<sup>3</sup> Cf. Laurent, E. “La psicoses ordinária”, *El Sentimiento delirante de la vida*, Buenos Aires, Colección Diva, 2011, pp. 109-125.

<sup>4</sup> Psicose, mas não como a psicose desencadeada e nem mesmo como a pré-psicose, tal como estes termos são definidos no *Seminário 3*. Cf. Lacan, J. O Seminário, livro 3, Rio de Janeiro, JZE, pp. 124. Assume-se que em alguns casos, não poucos, ela talvez só possa ser reconhecida por “sinais mínimos” de forclusão, tão mínimos que às vezes inacessíveis, sendo somente postulados (Cf. Miller, J. A. et alli. *La psychose ordinaire*, op. cit.).

<sup>5</sup> Laurent, *op. cit.*

<sup>6</sup> Miller, J. A. “A salvação pelos dejetos”, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, JZE, 2011.

<sup>7</sup> Para a hipótese de que o Outro da esquizofrenia, paranoia e psicose ordinária se distinguiria, cf.. Vieira, M. A. *op. cit.*

<sup>8</sup> Lacan, J. por exemplo *RSI*, aula III de 14 de janeiro de 1975, em que afirma que o específico de uma corda é que *ça tient*, definindo essa propriedade como a de um “consistência real”.

<sup>9</sup> Para o *sinthoma* como acontecimento de corpo, cf. Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 565. Laurent. E. *op. cit.* e *O Avesso da biopolítica*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2016 (cap. “Uma escrita para o gozo”.

<sup>10</sup> Agradeço a Renata Martinez pela autorização do uso desse fragmento de caso, em que sua hipótese é a de que o escápulário teria servido como elemento suplementar que teria servido “como um grampo para fazer o paciente se sustentar em seu corpo” (Martinez, R. O caso Gabriel e e Miller, J.-A. “Efeito de retorno sobre a psicose ordinária”. In: *Opção Lacaniana online*, nova série, Ano 1, no. 3, novembro 2010, pg. 17).

<sup>11</sup> Cf. De Felice, T. *Gestos litorais*, dissertação de mestrado, PUC-Rio, março 2018.